# O Cartel do Passe, o Passador e a Escola
# Clínica do passe

# Lições do cartel do passe

*Jairo Gerbase*

O objetivo desta intervenção é comentar a experiência da entrada pelo passe na Escola da Causa Freudiana da Associação Mundial de Psicanálise. Trata-se do comentário de um artigo de um dos membros de um cartel do passe da referida Escola.

1. Ainda que não se trate de uma clínica sob transferência, o passe é considerado estar no coração da experiência psicanalítica ao mesmo tempo que no coração da experiência de Escola. Por isso se quer tirar lições dessa experiência.

2. Para atingir tal propósito é preciso descrever a composição do cartel do passe:

- um Analista da Escola sorteado entre os AEs no exercício da função;
- um Passador sorteado entre os passadores anteriores;
- um Membro qualquer da Escola eleito pela Assembléia Geral sob candidatura;
- um Mais-Um;
- um antigo Mais-Um.

Pode-se notar facilmente a racionalidade da escolha dos três primeiros membros do cartel do passe. A escolha do AE é supostamente a mais apropriada. Com efeito trata-se de alguém que atravessou positivamente o procedimento. O passador também está bem indicado, tanto porque ele está ou esteve supostamente no momento de passe de sua própria análise como porque ele é o próprio procedimento. O passador é o passe. O membro da Escola dá o equilíbrio ao conjunto. Não é fácil saber por que alguém se candidata a essa função, mas é uma aposta importante. Ele representa o conjunto dos membros da Escola dado que a AG o elege.

Quanto aos dois últimos membros do cartel do passe, os Mais-Um, pode-se também notar que se eles estão aí nessa função não é senão por pura convenção, isto é, porque se convencionou que o "júri de acolhimento" do passe passaria a ser um cartel cuja composição é de quatro mais um. Se hipoteticamente o denominássemos "comissão" bem que ele poderia ser composto de apenas três membros.

Este seria, entre outros, o argumento de minha proposta recente de restringir o excessivo número de componentes do dispositivo do passe, em torno de onze se incluirmos o êxtimo.

3. Atribui-se a Lacan uma "Nota sobre a escolha dos passadores". Essa "Nota" propõe que o Analista Membro da Escola (AME), que só tem a experiência do passe através da análise, escolha o passador. A Nota ainda indica que o essencial do passe desliza entre o analista, o analisante-passante e o analisante-passador. É aí que faço incidir uma segunda restrição ao número excessivo de protagonistas do dispositivo do passe. Não vejo racionalidade na função do segundo passador. O passador não é uma testemunha no sentido jurídico do termo. O passador está numa relação de equivalência com o analista. Ninguém nunca pensou que fosse necessário

ter dois analistas. Não vejo razão para que o passante transmita pela segunda vez, a um segundo passador, a verdade de sua queixa. Na Nota Lacan supostamente faz uma espécie de teoria analítica do passe. Diz que não basta que o analista acredite ter obtido o fim de uma análise de um de seus analisantes para que se faça dele um passador. Tem-se aí também, segundo o autor que estou comentando, uma primeira distinção entre o fim da análise e o passe: o fim da análise não é condição suficiente para que se obtenha um passador. O fim da análise, diz-se que disse Lacan, pode ter feito apenas um funcionário do discurso analítico. Porém, não se quer com isto dizer exatamente que o funcionário não seja digno do passe pois este pode testemunhar dos primeiros passos desta função.

4. A Nota trata ainda mais precisamente da formalização analítica do passe. Diz que o binário passante-passador precisa saber que da queixa a análise só utiliza a verdade. Creio que isso é um argumento contra o uso do romance familiar no passe. Diz também que ele, o passador, deve saber que o analisante está a serviço do desejo de saber. Conceito polêmico.

Em outro lugar Lacan disse que mesmo tendo o carimbo de Freud, não há a menor chance de haver desejo de saber. Nominé encontrou uma referência positiva para esse conceito. Ver sua carta aos membros da AFCL da França. Lacan ainda diz na Nota que não é qualquer um que pode interrogar o outro, mesmo que esteja implicado nesse assunto da distinção entre saber e verdade. É preciso, acrescenta, estar à altura dessa função, é preciso saber o que porta alguém, para poder ocupar essa função de passador que é, segundo a formalização atribuída a Lacan na Nota, uma função analítica. Finalmente, diz que esse saber o passante o constrói desde seu inconsciente e, por outro lado, que é preciso o passador para ouvir essa construção, isto é, o novo, o inédito, o significante novo do passe, *le mot de passe*.

Logo, segundo essa breve formalização de Lacan, o passador é o passe, quer dizer, ele não apenas deve recolher a verdade no discurso do passante, mas deve estar à altura da distinção entre saber e verdade. Pode-se referir a *Scilicet 1*, p. 26, para ratificar essa asserção: "De onde poderia ser esperado um testemunho justo sobre quem ultrapassa o passe senão de um outro que, como ele, está ainda nesse passe?".

5. A entrada na Escola pelo passe – A questão de Madri foi a origem desse uso do passe. Muitos hesitaram na ocasião quanto à introdução dessa modalidade de passe, distinta do que se ficou obrigado a denominar de "passe conclusivo". Quero debitar aos madrilenos essa dívida. Assim como gostaria de debitar aos granadenses a dívida acerca da dissolução das instituições do campo freudiano. O autor que comento afirma que a entrada pelo passe é pertinente, dado o número de demandas de entrada na Escola pelo passe que aumenta constantemente na ECF. Discordo porque sei que é a oferta que suscita a demanda, segundo a regra da economia vigente. No começo este cartel da ECF era muito exigente, como se não distinguisse a proposição de um membro da nomeação de um AE. Aqui se coloca a questão de quando é que um analisante começa a receber pacientes, ou seja, de que se autoriza. O cartel tentou explicitar alguns traços que se esperam do futuro membro da Escola:

- estar em análise e demonstrar o que representa a experiência do

inconsciente;

- prosseguir sempre em sua análise. Há sempre o risco de o membro proposto se sentir reconhecido como analista;

- o engajamento do sujeito no campo analítico.

Pode-se notar claramente que o que se procura verificar no passe de entrada não tem nada a ver com o momento clínico do passe. Isso por si só contra-indica a entrada na Escola pelo passe.

6. A clínica da entrada pelo passe – O autor que comento cita então alguns exemplos do que se poderia qualificar de clínica da entrada pelo passe:

- a *demande* de entrar na Escola para alguns é uma ocasião de se assegurar da pertinência de seu trabalho analítico;

- para outros significa "calar a boca de sua mãe" e testemunhar para seu analista o desejo de se fazer reconhecer;

- ou é uma oportunidade de se desembaraçar de seu analista;

- ou se trata de ultrapassar um momento de estagnação de seu trabalho analítico. E efetivamente se dirigir ao cartel através dos passadores teve por efeito relançar sua análise;

- há ainda os casos de *acting-out*: tratava-se para tal sujeito de ouvir uma interpretação para sair do impasse em que se encontrava em sua vida, depois de diferentes tentativas de análise que pareciam ser um fracasso

À parte todas estas razões que não têm nada a ver com o momento clínico de passe e que portanto contra-indicariam a entrada pelo passe, diz nosso autor que os passantes sempre introduziam também um desejo de transmissão. Seja qual for o momento em que estão em sua análise, tudo se passa como se o sujeito quisesse transmitir não importa o que tenha adquirido. Tudo indica que a passagem do privado ao público constitui uma reviravolta maior para todo mundo. E nosso autor quer nos fazer crer que se trata aí do desejo do analista, posto que se está na via epistêmica. Acho que é uma *forçage* querer dizer que o passante transmite um pedaço de real de sua existência, esteja em que momento for de sua análise. Isso quase me parece uma teoria sobre a não importância do final de análise. Como se os lacanianos contemporâneos quisessem concluir que importa menos a conclusão da travessia pelo dispositivo de Freud e mais a travessia pelo dispositivo de Lacan. Isso é o que se pode chamar de lacanismo. A hipótese que se quer impingir é a de que importa mais a redução de todo discurso do sujeito a alguns elementos mínimos e *princeps*. Isso se pode tomar por plausível, porém sempre na dependência do final de análise. Logo, pode-se notar que minha posição é a de vincular o passe ao final de análise, ainda que o momento de passe possa acontecer antes mesmo de uma análise terminar. Donde se conclui que não posso estar a favor da entrada pelo passe. Que se obtenha essa transmissão de um AE, com isso posso estar de acordo. Mais não creio que se possa esperar isso de um membro.

O autor comentado propõe que as duas formas de passe podem liberar duas formas de transmissão do real e desse modo justificar os dois tipos de passe: de entrada e conclusivo. A primeira é a lib[illegible]ção do trauma sobre o qual o sujeito não se

engana e corre o risco de tomar como seu destino. Aí se vê como a pulsão se articula ao sintoma e à fantasia. O passe seria, nesse caso, poder escapar a esse destino. A segunda forma desse real, é o que se repete ao longo de uma vida sob a forma de repetição significante. "Ainda" é o nome próprio dessa repetição, desse real, e esse seria o testemunho essencial dos passantes cuja *demande* é ser membro da Escola.